

Violência, gênero e diáspora na curta ficção africana de língua portuguesa

Doutorando Kleyton Pereira¹ (UFPE/FAFIRE)

...

Resumo:

Nas Áfricas lusófonas, a questão da migração e seus efeitos é um dos temas que alimenta a produção da literatura e ainda, contraditoriamente, uma grande ferida nos estudos críticos do pós-colonial. É a partir das relações compósitas da diáspora africana que as novas formas de identidades (trans)culturais constantemente se produzem e reproduzem através de uma transformação centrada nas configurações de poder e dos vários jogos de fissura e fusão cultural que as sustentam (HALL, 2000; BRAH, 2005). No entanto, vale destacar que tais experiências são vivenciadas de maneiras diferentes e podem provocar reações as mais diversas. Assim, neste artigo, procuro analisar e comparar a denúncia da violência, a representação de gênero e a questão da diáspora em contos das escritoras Lília Momplé, Orlanda Amarílis e Margarida Mascarenhas.

Palavras-chave: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Violência, Gênero, Diáspora, Identidade Cultural.

1 Introdução

Atualmente as diversas culturas que compartilham da experiência híbrida do mundo globalizado, de identidades culturais não fixas, espaços de encontro e confronto e negociação, entrelaçamento de culturas, emergem em toda parte. Mas ao contrário do que pensa o senso comum, tais relações de poder dificilmente simétricas não se configuram pacificamente; pelo contrário, violentamente se estabelecem em entrelaçamentos de valores, culturas, ideias e combinações num eterno processo de negação, assimilação, revisão e reapropriação cultural. Numa sociedade multiétnica, como é o caso das africanas, essa apropriação se dá a partir da (re)construção e readaptação permanente da cultura, de maneira especial no caso dos indivíduos (des)enraizados na diáspora.

Diante do contexto multicultural dessas experiências, enquanto produtos culturais discursivos, os textos literários se articulam e negociam na (re)construção das diversas identidades a partir de interconexões e interpenetrações de um sistema de representação sociocultural em espaços heterogêneos, comunidades imaginadas, que procuram resistir ao silenciamento das diferenças culturais exercida através das diversas formas de imposição e poder cultural.

No caso das produções literárias das áfricas lusófonas, enquanto criações ficcionais, elas possibilitam ao público leitor enxergar as reações contras os paradigmas socioculturais herdados na problemática do colonialismo europeu e a inserção de um discurso pós-colonial que, através da linguagem literária, têm raízes profundas na realidade social, compondo um inventário mimético que reflete na formação psíquica e emocional da sua sociedade contemporânea, liberto da perspectiva exótica¹.

Vale ressaltar aqui que a formação dessas é fruto de um doloroso e longo processo transcultural, que passa do estado de alienação no qual as áfricas de maneira geral foram imersas,

¹ A fim de compreender melhor esse processo de libertação da perspectiva exótica das literaturas africanas de língua portuguesa, inclusive pelo próprio africano, ver TRIGO, Salvato. Literatura colonial/literaturas africanas. In.: _____. **Ensaio de literatura comparada:** afro-luso-brasileira. Lisboa, Vega, 1986. p.129-146.

passando pela libertação dessa alienação – onde a literatura teve um papel fundamental ao engajar-se nas raízes profundas da realidade social –, até a constituição da individualidade dos escritores, após a independência nacional. A gênese desses movimentos está na criação, em 1946, da Casa dos Estudantes do Império – CEI², em Portugal, lugar de encontro onde se origina e organizam a consciência libertadora e, na clandestinidade, são formadas as primeiras organizações políticas de combate ao colonialismo português em África – o MPLA e a FRELIMO foram os principais partidos e Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Mário Pinto de Andrade, Alda Espírito Santo as principais importantes personalidades que passaram por lá.

Assim, nas chamadas literaturas da lusofonia, a questão da migração, um dos seus principais temas, ainda é uma grande ferida nos estudos críticos do pós-colonial e é, por certo, aquele do qual se alimentam as literaturas africanas de maneira geral, não apenas as de língua portuguesa. São elas, as identidades diaspóricas, que, no dizer de Hall, constantemente se produzem e reproduzem de novo com e através da transformação e de múltiplas diferenças. Essas diferenças, diz Roland Walter (2009. p.43), não são estruturadas por oposições binárias, mas sim por relações heterogêneas e posicionamentos dinâmicos, conflituosos e complementares, sempre “um lugar aberto e dinâmico” que procura, através de seus membros, minar “autenticidades e problematiza os interstícios sombreados pelo discurso oficial”. Assim, o conceito de diáspora e espaço diaspórico, no dizer crítico de Avtar Brah, em seu livro *Cartographies of diaspora: contesting identities*, está centrado nas configurações de poder e, por isso, o que está em jogo são os vários processos de fissura e fusão cultural que sustentam as novas formas de identidades (trans)culturais. Segundo a autora (2005, p.208):

It is where multiple subject positions are juxtaposed, contested, proclaimed or disavowed; where the permitted and the transgressive imperceptibly mingle even while these syncretic forms may be disclaimed in the name of purity and tradition. Here, tradition is itself continually invented even as it may be hailed as originating from the mists of time. What is at stake is the infinite experientiality, the myriad processes of cultural fissure and fusion that underwrite contemporary forms of transcultural identities.³

Nesse sentido, teorizar sobre a diáspora abre uma perspectiva discursiva e/ou espaço semiótico para aprofundar e problematizar questões como: identificação e filiação; desejo da volta e nostalgia da terra natal; exílio e deslocamento; reinvenção cultural e identidades híbridas; práticas culturais e lingüísticas, a saber, a creoulização; memória e trauma; entre inúmeros outros temas. Diáspora está intimamente ligada a outras categorias (Cf. HUA. 2005).

É importante ressaltar o fato de que teorizar sobre a diáspora não deve estar separado do processo dialógico das especificidades histórico-culturais de cada formação diaspórica. Diáspora é sempre uma perspectiva dupla (quem sabe até múltipla?) de descontinuidade espaço-temporal. Teorizar sobre a diáspora é, de acordo com Paul Gilroy (1994), compreender, de maneira heterogênea, seus processos de creoulização, sincretização e hibridização.

Nas ficções das áfricas lusófonas, essas mesmas experiências são vivenciadas de maneiras diferentes e podem provocar reações as mais diversas, tanto naquele que retorna ao seu lugar de

² Com isso, Portugal queria não só impedir o florescimento de uma identidade territorial, política e cultural, já instalada com a ausência de uma sociedade civil desenvolvida e o domínio do Estado e das instituições burocráticas nas mãos dos portugueses, mas também queria que uma classe de estudantes e intelectuais oriundos das “elites locais”, angolana, cabo-verdiana e moçambicana, principalmente, se formasse na metrópole a fim de servir aos propósitos do Império.

³ É onde múltiplas posições de sujeito são justapostas, contestadas, proclamadas ou desmentidas; onde o permitido e o transgressivo imperceptivelmente se misturam, mesmo enquanto essas formas sincréticas podem ser negadas em nome da pureza e tradição. Aqui, a tradição é, em si mesma, continuamente inventada, mesmo quando saudada como proveniente das brumas do tempo. O que está em jogo é a experientialidade infinita, os processos miríades de fissura e fusão culturais que subscrevem as formas contemporâneas de identidades transculturais.

origem quanto nos que o recebem — no caso da diáspora em Cabo Verde, esse sentimento de entre-lugar próprio do cabo-verdiano é revelado por Baltasar Lopes (2007) na epígrafe de seu romance *Chiquinho* que diz em creoulo: “*Corpo, qu’ê nêgo, sa ta báí; Coraçom, qu’ê fôrrô, sa ta fica...⁴*”.

Sobre a diversidade da experiência diaspórica na Guiné-Bissau – e que se estende a todas as ex-colônias portuguesas em África, bem como outros países africanos –, Moema Parente Augel (2007, p.186) afirma que

O fenômeno é geral, podendo-se alinhar exemplos os mais diversos. Os migrantes, em número cada vez maior nos países industrializados, vivenciam muitos problemas, tanto do ponto de vista de integração como por razões sociais, econômicas e políticas. Portugal, onde o número de africanos de países de colonização portuguesa é grande, não foge à regra [...]

Assim, é possível observar que a experiência do imigrante africano na Europa, ou na América, como é comum a muitos deles e que não para de crescer, causada por diversos fatores – a extrema pobreza, a fome, a alta mortalidade, entre inúmeros outros –, muitas vezes, está pautada nas possibilidades de trabalho, à remuneração e à ascensão profissional.

2 A curta ficção da África lusófona: o caso de Lília Momplé, Orlanda Amarílis e Margarida Mascarenhas

Lília Momplé, Orlanda Amarílis e Margarida Mascarenhas, moçambicana e cabo-verdianas, respectivamente, são das escritoras mais conhecidas nas literaturas africanas de expressão portuguesa. Através de suas obras, as autoras contribuem não só para a produção de uma literatura voltada para as questões de gênero, um olhar dos problemas sob o ponto de vista feminino, e para a construção do processo da identidade cultural, mas também para a renovação das estratégias das narrativas. A fim de discutir brevemente sobre a questão da violência, do gênero e da diáspora e seus efeitos na produção das literaturas africanas de língua portuguesa, procedo com a análise dos contos “Stress”, da primeira autora; “Thonon-les-Bains”, da segunda; e “... levedando a ILHA”, da última.

2.1 “Stress”, Lília Momplé

Lília Momplé, natural de Nampula, é licenciada em Serviço Social e foi por alguns anos secretária-geral da Associação Moçambicana de Autores, por onde publicou a maior parte de sua obra. Através de sua literatura ela denuncia o autoritarismo e exploração que há nas relações binárias entre o centro e a periferia sociais, bem como nas relações de gênero, explorando o papel tradicional das mulheres e as dificuldades que elas enfrentam diante das expectativas que as acompanham na sociedade. Tais problemas estão muito bem configurados na sua obra através das relações conflituosas entre as personagens. No caso do conto “Stress”, do livro *Os olhos da cobra verde*, a personagem conhecida apenas pelo desnome “a amante do major”, é destituída de sua própria identidade, num processo de assimilação da cultura do colonizador, como é possível perceber no excerto a seguir:

[...] para a amante do major-general, a sua sala é o seu reino, repleto de móveis, alcatifas, cortinados e bibelots que ela própria escolheu e que o major-general comprou sem regatear os altos preços e a duvidosa serventia. Por isso ela se sente ali perfeitamente, como ainda há pouco, enquanto almoçava, sentada à enorme mesa de jambire, servida por um empregado silencioso e eficiente e sentindo subir-lhe à cabeça a embriagadora sensação que sempre lhe provoca o facto de constatar que tudo quanto os seus olhos abarcam lhe pertence. (MOMPLÉ. 1998, p.9-10)

Aqui, em seu pequeno reino, sombrio e melancólico, silencioso e europeizado, contrastando

⁴ “O corpo, que é escravo, vai; o coração, que é livre, fica...”.

com a realidade social do espaço urbano ao seu redor, a personagem observa um homem na varanda do segundo andar em sua frente, enquanto espera a chegada do seu amante, o major-general.

É a mudança, no caso ascensão social, que eleva a amante do major-general a um lugar melhor do que os outros na sua saída do humilde bairro de Malhangalene, subúrbio de Maputo, capital de Moçambique, para o luxuoso e nobre bairro da Polana. Esse deslocamento – que revela não só uma mudança social da personagem, como também uma mudança econômica e comportamental – causa o desconforto e a indiferença com relação à realidade das personagens pela incaracterística dos transplantes europeus na colônia africana, vestígios da dominação colonial portuguesa. É só observar o mal-gosto da casa da amante do major, agora na Polana, isto é, em um lugar melhor, que é um lugar sombrio cheio de mobiliários preciosos e onde “até mesmo a poeira parece circular na sala agitadoamente, ansiosa por se libertar de tamanha ostentação”. Fora desse espaço, nos arredores do Bairro da Polana, as casas deixadas pelos antigos colonos, funcionários públicos da classe média que foram estrangulados pelo aumento do custo de vida e decidiram vender, clandestinamente, o arrendamento de seus *flats* para a nova sociedade moçambicana. Os espaços geográficos moçambicanos, aqui, mostram a degradação dos valores humanos e a passagem para a mercantilização, forma de ostentar *status quo* e ascender socialmente, forma corruptível de substituir, no dizer de Inocência Mata (2003, p.47), a “ética do ser” pela “ética do ter”.

O que observo no conto de Lília Momplé é um verdadeiro inventário crítico da situação social moçambicana a partir da descrição dos moradores dos prédios “de uma beleza fácil e cansativa” concebidos ainda no tempo colonial por empreiteiros portugueses “com muito dinheiro e pouco gosto, os quais imprimiam, nas suas obras, a marca da própria vulgaridade” (MOMPLÉ. 1998, p.11). Assim vemos o processo de assimilação do povo que vai desde os portugueses que “guardam um amargo ressentimento contra todos os moçambicanos e recordam com saudade o tempo em que nenhum negro se atrevia seque a passear nesta rua” (1998, p.11), passando por aqueles que apenas exploram a cidade e os que tomam para si as casas, a fim de que essas os conferissem “o direito de levarem a mesma vida regalada dos colonos que as abandonaram”, até chegar à situação atual de quem compra as chaves das casas do bairro da Polana.

Assim, há a todo instante uma grande preocupação, por parte da amante e seu major-general, em apresentarem-se ambos imaculados diante de uma sociedade da imagem, da aparência, e, com isso, em representarem, através de suas máscaras de migração, papéis avulsos na teatralização de suas relações afetivas: por ostentarem uma relação extra-conjugal sem amor onde cada um busca nutrir-se apenas do que necessita do outro: a amante, de uma vida de troféu desejável e inacessível; o major, do bem estar sexual de um cúmplice objeto esposa-amiga. É este último, em sua pretensão de major-general, quem, aos poucos, vai diluindo as idéias que nortearam a revolução durante a luta de libertação, com a FRELIMO (Frente para a Libertação de Moçambique), pela qual estaria “disposto a sacrificar a própria vida”, dando lugar a uma “ânsia desenfreada de usufruir tudo o que na vida lhe dá prazer”. Por sua vez, o caso que a amante tem com o major representa sua ascensão social que, europeizada em seus valores, abandona suas raízes num *flat* no pobre bairro de Malhangalene, e compra sua chave de entrada para a Polana ao unir-se ao major. Assim, com a promoção social alavancada pelo casamento e, por isso, uma mudança na (re)significação de suas raízes, de sua identidade, a luxuriosa amante do major-general, despreza suas raízes sociais e, inclusive, étnicas, abraçando cegamente os valores europeus de conquista e pertencimento. Não é à toa que ela, por não conseguir seduzir – isto é, colonizar – o homem da varanda, professor que apenas luta para “desenrascar” o sustento da família, com o mínimo de dignidade, ela se vinga “deste que ela reclama a confirmação da sua feminilidade e beleza” mesmo incriminando-o com falsas afirmações.

O mesmo olhar que um dia, num futuro não muito distante, sentado no banco dos réus, ele irá captar e levará a interrogar-se, cheio de perplexidade, ‘porque me odeia tanto essa mulher que mal conheço?’ Com efeito, terá dela apenas uma ideia

vaga e imprecisa, de alguém que, casualmente se avista de relance.
Nesse dia, a amante do major-general será a única testemunha de acusação.
[...] ‘O réu cometeu o crime premeditadamente. Ele não gosta de mulheres, eu acho!’ (MOMPLÉ. 1998, p.13-14)

Aliás, o crime cometido pelo professor, cuja vida “não é propriamente vida mas uma contínua luta para ‘desenrascar’ o sustento da família” (1998, p.17), é compreendido pela família de sua esposa que vê nele não um criminoso, mas um homem acuado pelo desespero e que, na suavidade da confissão do crime, constata que nem ele mesmo consegue viver. O “*stress*”, episódio do assassinato da mulher do professor narrado no final do conto, é resultado das tensões de um cotidiano massacrante e miserável em vários sentidos: falta de dinheiro, a violência da guerra civil.

Sobre os problemas da violência da guerra civil, podemos comparar o fato de que os familiares do professor, fugindo da guerra, sofrem com os freqüentes ataques da RENAMO – Resistência Nacional Moçambicana, grupo que surgiu como reação à FRELIMO, durante a década de 70, em Moçambique, organizando um movimento armado que culminou numa devastadora guerra civil, por mais de uma década, resultando no atual empobrecimento e atraso do país. Numa passagem presenciada e narrada no conto pela tia do professor, os “*matchangas*”, bandidos armados, violenta e covardemente assassinam o avô materno do professor.

Os olhos embaciados do avô mal distinguiam os recém-chegados e muito menos o seu esgar cruel, as espingardas e catanas; tão pouco os seus ouvidos alcançaram aquelas palavras ríspidas e urgentes. Portanto deixou-se estar, sorrindo sempre, mesmo quando o homem que falava, já irado, rosnou: “Este velho já está-me a chatear!”, depois do que, sacando de uma “experiente” catana, lhe decepou a cabeça. Esta caiu, direita como um troféu, de olhos vítreos e boca escancarada, ao lado do corpo que continuou encostado à palhota, encharcando-se lentamente de sangue.

Tudo isto observou a tia do professor, por uma fresta da janelinha de madeira do seu quarto, tudo isto ela observou, tremendo de medo e indignação, sem poder socorrer o velho pai, nem sequer gritar. (1998, p.17)

No excerto, é possível perceber a ênfase existente na palavra “experiente” para designar uma catana, facão com cabo de madeira e lâmina em curva, já muito utilizada para violentar gratuitamente os indefesos, decepando cabeças, arrancando membros, acuando e estuprando mulheres, silenciando as vozes dos inocentes através do medo.

2.2 “Thonon-les-Bains”

Na obra de Orlanda Amarílis, cabo-verdiana de publicação literária reduzida, o tema da diáspora é recorrente, fazendo, através de suas personagens, ecoar um sentimento doloroso de desgarramento da terra-mãe (ou madrastra, muitas vezes). A narrativa de “Thonon-les-Bains”, do livro *Ilhéu dos Pássaros*, combina diferentes **cronotopos** elaborados a partir de um entrelaçamento fluido e não linear, desde a linguagem creoulizada e os artifícios espaço-temporal e narrativo da ficção, até no entrecruzamento dos espaços diaspóricos. O que é possível perceber claramente no conto é a condição quase que natural do cabo-verdiano: o ser em diáspora que procura, no exílio, alterar a situação de sua terra natal que se mostra permanente e (quase) inalterável.

Assim, no conto, enquanto de um lado nas malhas da trama a história de nh’Ana desfia o problema financeiro de Cabo-Verde, o problema do desemprego e das condições climáticas da terra madrastra, do outro, a história de Gabriel e Piedade denunciam os problemas enfrentados pelo imigrante na ambiguidade em relação ao exílio, em Thonon-les-Bains, na França. Deixando de lado alguns dos pormenores do conto – mais relacionados à nh’Ana e suas comadres no dia-a-dia das ilhas cabo-verdianas, seu sonho de casamento da filha Piedade com algum estrangeiro, representando uma possível fuga do presente de miséria –, gostaria de fixar a análise na narrativa de Piedade e seu meio-irmão Gabriel, típicos representantes da diáspora na vida dos jovens cabo-

verdianos. Dessa maneira, o narrador, através de um verdadeiro jogo de espelhos, traça uma geografia imaginária em que os espaços se interpenetram, ora se confundindo, ora se expandindo, em especial as personagens mulheres. No conto, Piedade vai morar com seu meio-irmão Gabriel em Thonon-les-Bains, pequena cidade no sul da França. Lá ela conhece Jean, francês bem mais velho que ela, separado, com quem mantém um namoro sério e “correto”.

Jean era um bocado ciumento, tinha quarenta e dois anos, era separado de uma outra mulher, mas era muito seu amigo. Trazia-lhe chocolates quando vinha namorar com ela, tudo à vista de Gabriel e dos seus amigos. Nunca ficava só com ele porque Gabriel não deixava, sempre a espiar, até os dois amigos eram capazes de lhe ir contar qualquer coisa mal feita ela viesse a fazer. (AMARÍLIS. 1974, p.19)

Por meio da descrição e da diferença de valores no cruzamento de dois espaços distintos, a saber, o Ilhéu dos Pássaros e Thonon-les-Bains, (Cabo-Verde e França; África e Europa), e, principalmente, de idade entre Piedade e Jean é possível percebermos a radical diferença cultural existente entre eles, diferença esta que vai ficando cada vez maior quando Piedade prefere manter-se fiel à percepção da vida e do modo de ser do cabo-verdiano. Apesar de emigrantes, no conto os cabo-verdianos decidem que viver fora de seu país não significa abrir mão de suas raízes, de suas “dengosices”, “requebros”, “floreios de tango e de rumba negra”. O excerto abaixo mostra as diferenças entre ela e seu namorado francês.

Jean era bom, era seu amigo, mas começou a pensar na sua idade e na dele, começou a pensar na seriedade do Jean, na sua maneira de tratar tudo tão a sério. Deitava contas à vida, calculava todos os francos para isto e para aquilo e ela começou a perder a paciência para aquelas conversas. Um bocado alevantada, esboada mesmo, queria brincar, rir, fumar o seu cigarrinho e ei-la agoniada com as conversas de gente-velha do Jean. E depois, aquele moço da Ribeira da Barca, badio de pé ratchado, vinha todas as tardes com o transistor e aí começavam a dançar os dois, a fazer partes, a cair para a frente e para trás, a dar voltas e a mornar. Jean ficava na ponta da cama, sorria. Não gostava de dançar, preferia ver as dengosices da Piedade e o Maninho a segurá-la em meias voltas inesperadas, parecia um vime tocado pela brisa. Naquelas partes e requebros, Maninho ia-a apertando e dizia-lhe umas palavrinhas sussurradas, depois largava-a, ela caía para trás e fazia mais partes com floreios de tango e de rumba negra. Jean sorria, sorria sempre, baixava e levantava a cabeça a marcar o compasso. (1974, p.20-21)

Longe da companhia da mãe, e mesmo sob os cuidados de Gabriel, Piedade, única mulher emigrada para Thonon-les-Bains, revela ser a personagem mais frágil do conto – seu nome traz a inocência e a fragilidade das vítimas que, ironicamente, são impiedosamente violentadas pelos seus algozes. Assim como as outras personagens, diaspORIZADAS, ela revela a condição de minoria: emigrados, marginalizados e submetidos a uma sociedade onde apenas representam a força do trabalho, forma de garantir o sustento da família e a esperança de um dia voltar para casa.

Jean abraçou-a também, envolveu-a e foi levando-a assim de mansinho. Quando chegaram junto à porta, abraçando-a sempre pela cintura, puxou-a para dentro da casa de banho e com o pé fechou a porta e trancou-a. Piedade estava atônita. Ele nunca fora muito efusivo. Beijava-a muito na boca mas nunca fora além disso. Se calhar ela ia deixar de ser menina-nova ali mesmo no chão daquela casa de banho. De qualquer maneira iam-se casar. Ser agora ou no dia do casamento não tinha importância. Deixou-se escorregar sob o peso do homem e viu-se estendida na laje fria. A música vinha até eles e retornava ao pequeno quarto onde era a festa. Na escuridão nada se vislumbrava. Algo enregelou-a e ela pediu "Jean, Jean!" Ele tinha qualquer coisa brilhante na mão, mas ela já não podia gritar pois ele tapara-lhe a boca com a outra mão. Na escuridão aquele brilho e os seus olhos

esbugalhados a quererem ver. Sentiu uma frieza no pescoço e a seguir lume, lume. Da casa de banho um grunhido fino ganhou intensidade e correu a casa toda. Os olhos de Piedade esbugalharam-se mais, o pescoço retesou-se, deixou cair os braços. O sangue correu por debaixo da porta para o corredor. Jean levantou-se, fechou a navalha e abriu a janelita. [...] Piedade tinha sido degolada, degolada como se de um porco se tratasse. (AMARÍLIS. 1974, p.23-24)

Piedade acaba por ser vítima da repressão machista que não lhe faculta a independência emocional e a expressão de sua individualidade. Seja através da superproteção do meio-irmão Gabriel, ou do ciúme de Jean, ambas lhe delimitam as ações. Assim, seu assassinato não só revela sua dupla condição de minoria, submetida a uma sociedade onde representa apenas a força de trabalho, como também sobre ele recai a injustiça do silêncio, já que o protesto doméstico fica circunscrito ao espaço daqueles que, como ela, não têm direito à voz.

Gabriel viu-se no meio do seu desespero. Teve de enfrentar a polícia. [...] Um mês depois ele e os companheiros foram avisados para saírem de Thonon dentro de três dias. Se fossem apanhados noutra encenra seriam expulsos do país. [...] "Mas porquê, Gabriel, porquê não disseste na polícia que aquele home é que tinha esfaqueado a falecida? Mas porquê?", perguntava Nh'Ana entre soluços. Gabriel teve dificuldade em explicar-lhe. "Isso não adiantava nada. Eles sabiam mãe Ana, sabiam, isto é, desconfiavam, mas eu sou emigrante. Emigrante é lixo, mãe Ana, emigrante não é mais nada." Não sabia mais que dizer sobre aqueles dias de pesadelo, nem ia contar como ele e os companheiros tinham sido enxovalhados na polícia. (1974, p. 24)

Sobre esse aspecto, o da violência contra o imigrante, Roland Walter (2009, p.148) diz que “o uso do afrodescendente, pela/na economia racializada e racista da violação institucionalizada, continua sendo uma das razões pela errância neocolonial (...) entre lugares e espaços, terras e mares em busca de lares”. O que parece ser uma boa e simples solução frente à escassez de recursos materiais e econômicos da ilha acaba por ter um desfecho trágico, (des)encaixes que frustram as expectativas e os projetos de todos da família.

Aqui, no excerto anterior, apesar de terem sido vítimas e de saberem disso, as personagens atribuem a gratuidade da violência ao fato de serem emigrantes, de serem lixo e mais nada, o que demonstra, “a internalização dos valores do discurso e sistema dominantes que lhes incutiram autodesprezo” (WALTER. 2009, p.148).

2.3 “... levedando a ILHA”

Margarida Mascarenhas, natural de Mindelo, cidade da ilha de São Vicente, em Cabo Verde, foi funcionária pública em sua terra natal e em Portugal onde, após a independência de 1975, coordenou o boletim da diáspora cabo-verdiana, *Presença Crioula*, que posteriormente passou a ser chamado de *Presença Cabo-Verdiana*. Faleceu recentemente, 8 de janeiro de 2011, em Portugal, onde residia desde 1964.

O conto “... levedando a ILHA”, que integra uma coletânea homônima de narrativas curtas, apresenta uma escrita poetizada da memória das ilhas cabo-verdianas, alegoria crioula que narra, através de um narrador heterodiegético, as impressões de Conceição sobre a difícil situação de quem, assim como ela, vive num lugar árido, castigado pelo sol e que sofre com a partida daqueles que vivem “correndo para o Mar”.

Conceição irrompendo naquela paisagem de sol transparente que crestava a pele, as roupas, o lixo... O pó triturado, farinha solta arrastada pelo vento, mascarando as casas e a palha das coberturas. A poalha nas gentes e nas coisas. A Ilha enfarinhada, crestada como os pães nos cestos de madrugada. Despovoada, a paisagem crescia nas almas. Que o deserto desnuda a carne. Os

grânulos de areia cuspidos pelo vento penetram, polindo pedras, crivando a carne. Estiletos microscópicos aguilhoando o sangue. E espírito pairava alto transcendendo tudo. E o pão descarnado crescia qual hóstia transparente envolvendo a Ilha.

Quase todos correndo para o Mar. E Conceição sob o sol virada para a Terra. Fincada no chão das Achadas, decorando as pedras. (MASCARENHAS. s/d, 14-15)

A Conceição, personagem central do conto, resta o árduo trabalho de levedar a Ilha, de conceber, como força motriz e matriz, novos pães para a terra – não por mera coincidência, Conceição comparava todos da ilha com pães, menos ela que era como o fermento, ou seja, fazia crescer, e, na Padaria, espreitava ensimesmada o trabalho dos homens na feitura do pão: amassadura, dando forma; levedura, acompanhando o desenvolvimento da massa; e, por fim, “a cozedura e já pela madrugada a seleção, distribuição e contagem” (s/d, p.12). Esse mesmo movimento (Amassadura–Levedura–Cozedura) acaba por revelar no conto a passagem do tempo e o consequente amadurecimento de Conceição que, levedando a Ilha, vê “os filhos virados para o Mar sem aquela sofreguidão da Terra”, pedindo-lhe “que fosse ter com eles” (s/d, p.16).

Por fim, Conceição firmar-se em ser esta mulher que resiste às agruras da terra “zombando de suas focas. Mas Conceição sôfrega do pó da Terra, sentindo o peso que dela evola, sorri zombeteira olhando as nuvens agora captadas nos poços abertos no chão” (s/d, p.17) para gerar e cuidar do fermento, do futuro de quem olha para o **Mar** com o coração plantado na **Terra**.

Conclusão

O que tentei brevemente analisar nos referidos contos foi como as escritoras denunciavam a discrepância entre aparência e realidade vivida pelas personagens, em especial as femininas, que sofrem as injustiças e violências próprias da herança colonial e os efeitos das configurações diaspóricas forçadas pela economia global, bem como os problemas climático-geográficos de seus lugares de origem. Assim, é possível ver que as zonas dos entre-lugares ficcionais das literaturas africanas de língua portuguesa se alimentam dessa temática nos mostram os cenários de uma violência a partir da assimilação dos valores do sistema hegemônico – a amante do major quer se embranquiçar, enquanto no outro conto os emigrantes, mesmo sendo as vítimas da violência, são reduzidos a lixo humano. No conto de Margarida Mascarenhas, especificamente, é possível observar a perspectiva da mulher sobre os problemas enfrentados por aqueles que, contrários ao fluxo normal de migração, sofrem ao decidirem permanecer na ilha e enfrentar as agruras e conseqüências nefastas do ambiente. Além disso, o papel das personagens femininas revela também a forma como o corpo se transforma também num *topos* da colonização: o major por se deliciar de prazeres com sua amante proporcionando-a a possibilidade de obter vantagens na sociedade ainda em formação; Jean, por sua vez, por se aproveitar da emigrante jovem e indefesa que deixa seu lugar para compor, no exílio, a massa de explorados não só como força de trabalho, mas também como objeto da colonização sexual, da vida e da morte do outro, seja ela física ou psicológica.

Referências Bibliográficas

- 1] AMARÍLIS, Orlanda. **Ilhéus dos pássaros**. Lisboa: Plátano, 1974.
- 2] AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros**: nação, identidades, e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau: Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- 3] BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- 4] BRAH, Avtar. **Cartographies of diaspora**: contesting identities. New York: Routledge, 2005.

- 5] FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.
- 6] GILROY, Paul. **The black Atlantic**: modernity and double consciousness. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1994.
- 7] GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde**: literatura em chão de cultura. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.
- 8] HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- 9] _____. Cultural identity and diaspora. In.: MIRZOEFF, Nicholas (Org.). **Diaspora and visual culture**. London/New York: Routledge, 2000.
- 10] HUA, Anh. Diaspora and cultural memory. In.: VIJAY, Agnew (Org.). **Diaspora, memory, and identity**: a search for home. Toronto: University of Toronto Press, 2005.
- 11] MASCARENHAS, Margarida. ...levando a ILHA. In.: **África, literatura, arte e cultura**, Lisboa, nº 19, p.11-17, s/d.
- 12] MATA, Inocência. “A condição das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns”. In.: VAZ LEÃO, Ângela (Org.). **Contatos e Ressonâncias**: literaturas africanas de língua portuguesa, Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, 2003.
- 13] MOMPLÉ, Lília. **Os olhos da cobra verde**. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1998.
- 14] SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **A magia das letras africanas**: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.
- 15] SWARNAKAR, Sudha; NÓBREGA, Maria Marta dos Santos Silva (Orgs.). **Cartografia da violência**: ensaios comparativos. João Pessoa: Ideia, 2008.
- 16] TRIGO, Salvato. Literatura colonial/literaturas africanas. In.: _____. **Ensaio de literatura comparada**: afro-luso-brasileira. Lisboa, Vega, 1986. p.129-146.
- 17] TUTIKIAN, Jane. **Inquietos olhares**: a construção de identidade nacional nas obras de Lídia Jorge e Orlanda Amarílis. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.
- 18] _____. **Velhas identidades novas**: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.
- 19] VENÂNCIO, José Carlos. **Literatura e poder na África lusófona**. Lisboa: Ministério da Educação – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- 20] _____. **O facto africano**: elementos para uma sociologia da África. Lisboa: Vega, 2000.
- 21] WALTER, Roland. **Afro-américa**: diálogos literários na diáspora negra das Américas. Recife: Bagaço, 2009.
- 22] _____. “Literatura comparada: diversidades, diferenças e fronteiras de identidades culturais”. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. nº. 7, 2005. p.149-67.